

# ENTRELACES RIZOMÁTICOS NA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE PARA A COMPREENSÃO DAS DIVERSIDADES

## RHIZOMATIC INTERLACES IN EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM FOR THE COMPREHENSION OF DIVERSITIES

Yasmin Teles 1  
Letícia Gottardi 2  
Barbra Sabota 3

**Resumo:** Este estudo busca refletir sobre a concepção de Educação como prática de liberdade para a compreensão das diversidades em contexto de pós-graduação. Visamos entender como esta visão se constrói de modo ailinear, não hierarquizado e conectado em uma construção textual multimodal que se deu em uma ferramenta digital disponível online – o Padlet. Os procedimentos metodológicos deste estudo incluem o estudo documental da ferramenta a partir de uma abordagem pós-qualitativa que entende as pesquisadoras como internas ao contexto que pesquisam modificando e estando sujeitas a modificações em seus modos de pensar. Optamos como lente epistemológica pela metáfora do rizoma, tal como entendida por Deleuze e Guattari (1995) Para a construção da discussão foram analisadas produções construídas por discentes em uma disciplina de um programa de Pós-graduação stricto sensu de uma Universidade pública de Goiás. Para ampliar as discussões sobre educação como prática de liberdade, fundamenta-se nos estudos de Freire (1967, 1987, 1992) e hooks (2013), entre outros estudos. As conexões feitas entre as produções analisadas mostraram que a concepção de educação como prática de liberdade quando experienciada na práxis pode propiciar uma formação crítica a respeito das diversidades dentro da formação docente.

**Palavras-chave:** Prática de Liberdade. Bell Hooks. Rizoma.

**Abstract:** This study seeks to reflect on the conception of Education as a practice of Freedom for the understanding of diversities in a postgraduate context. We aim to understand how this vision is constructed in an nonlinear, non-hierarchical and connected way in a multimodal textual construction that took place in a digital tool available online - Padlet. The methodological procedures of this study include the documentary study of the tool from a post-qualitative approach that understands the researchers share a view from within the context they work in, thus modifying and being subject to modifications in their ways of thinking. As an epistemological lens, we chose the rhizome metaphor, as understood by Deleuze and Guattari (1995). To broaden the discussions on education as a practice of freedom, we base ourselves on studies by Freire (1967, 1987, 1992) and hooks (2013), among others. The connections made between the analyzed productions showed that the conception of education as a practice of freedom when experienced in praxis can provide a critical formation regarding the diversities within teacher education research.

**Keywords:** Education as Practice of Freedom. Bell Hooks. Rhizome.

- 1 Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás. Bolsista da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6101145525051738> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7080-4560>. E-mail: [santos.yasmin18@outlook.com](mailto:santos.yasmin18@outlook.com)
- 2 Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4942603943952846>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6172-4860>. E-mail: [l.gottardi@hotmail.com](mailto:l.gottardi@hotmail.com)
- 3 Doutora em Letras e Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Pós doutora em Linguística Aplicada pela UnB. Docente e pesquisadora na Universidade Estadual de Goiás desde 2004, Anápolis, Goiás, Brasil. E-mail: [barbra.sabota@ueg.br](mailto:barbra.sabota@ueg.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3971621982615145>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3100-259X> . E-mail: [l.gottardi@hotmail.com](mailto:l.gottardi@hotmail.com)

## Enunciações de nossos laços

Educar. Vivenciar. Pensar. Esperançar. Amar. Todas estas palavras *em* e *ao* ar constroem este *entrelugar*. Um lugar de vivências sentidas e compartilhadas, em que vozes dialogam e constroem o espaço de registro de uma experiência acadêmica transgressora. Um espaço que começou a ser cartografado pela primeira autora, Yasmin, como um estudo para a disciplina de Educação e Diversidades do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias (doravante PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás, em Anápolis, mas que passou a ser explorado também por nós, segunda e terceira autoras, para a expansão do rizoma que tornou-se este texto. Escrivê-lo tentando não nos restringirmos à linguagem dura e áspera com que a academia se apresenta foi um exercício de escrita acadêmica como prática de liberdade e amor. Inspiradas na força e no ativismo acadêmico de hooks buscamos construí-lo com diligência, ética e atitude. Esta é a escrita de três mulheres que se conjugam nos verbos que abrem esta seção e que se enunciam ao lado de outras mulheres em busca de uma educação como prática de liberdade, quais sejam: as mestrandas e as docentes que participaram da disciplina, as autoras que trazemos em nossas referências, as leitoras que se identificarem com nossa proposta.

Neste estudo revisitamos, como pesquisadoras, uma produção multimodal coletiva elaborada em um mural digital – o *Padlet* – durante um dos encontros da disciplina (que já mencionamos) cujo tema era “Educação como prática de Liberdade para a compreensão das diversidades” a partir de capítulos de livro bell hooks e um texto multimodal de Catherine Walsh. A marcante presença de mulheres na condução da disciplina, na turma (14 mestrandas em uma turma de 18 ao todo), assim como no tema foi um elemento a mais a nos motivar a firmar nosso espaço na academia. Estamos chegando com mais força e em maior número na pós-graduação e isso nos possibilita(rá) alcançar espaços na pesquisa brasileira. Ao longo deste texto, mostramos como um trabalho potente pode ser sensível e como a força das palavras pode carregar a boniteza de que nos falava Freire (1992). Outrossim, fizemos desta escrita nosso exercício de *ar*, tal como elencado na abertura deste artigo, esperando que as (os) leitoras (es) que nos encontrem possam conjugar conosco os mesmos verbos.

## Espaços e procedimentos: o território movente da pesquisa

O objetivo deste estudo é refletir sobre como as mestrandas e os mestrandos inscritas(os) na turma se apropriaram da discussão sobre o tema – Educação como prática de liberdade para a compreensão das diversidades – e em que medida essa discussão propiciou espaços de escuta e conexões entre os saberes construídos. Fazemos isso a partir do estudo documental sob a abordagem pós-qualitativa da produção textual multimodal *Padlet* que constitui o material empírico desta pesquisa.

As construções textuais aqui discutidas e analisadas são produções multimodais tecidas por dezoito mestrandas(os) e duas docentes de um mestrado interdisciplinar da Universidade Estadual de Goiás. Os encontros da disciplina ocorreram no segundo semestre de 2021 de forma remota, devido às restrições de contanto presencial forçadas pela pandemia de Covid-19 deflagrada em março de 2020 e que ceifou a vida de 670.848 brasileiras(os), destes 26.847 goianas(os). O mural digital permitiu que pessoas estivessem em contato interligadas por suas reflexões e percepções sobre os textos base da disciplina e sobre as discussões em aula. Entender como espaços de escuta foram promovidos em aulas que ocorreram durante a pandemia mostra uma preocupação com o reconhecimento do ser humano em suas potencialidades e fragilidades. Demonstrar interesse pelo modo como os sentidos são produzidos em uma disciplina de pós-graduação é um ato de cuidado também com a educação que se desenvolve neste nível educacional.

Para estudar as produções da turma no *Padlet* optamos por rizomatizá-las a partir de nossa interpretação da proposta filosófica de Deleuze e Guattari (1995) para entender o processo de construção do conhecimento humano em constante devir (SOUZA, 2012). Para Heller, Pietikainem e Pujolar (2008), o rizoma pode ser entendido com uma metáfora epistemológica que nos auxilia a entender a pesquisa como um sistema não-linear de produção de conhecimento que se expande

de maneira dinâmica, contínua, interconectada e não-hierárquica. As autoras nos lembram que nossas pesquisas são sempre atravessadas por suas condições sócio-históricas de produção e que, por isso, afetam e são afetadas pelo “que estudamos, porque, como e como é recebida por outrem. (HELLER, PIETIKAINEM e PUJOLAR, 2018, p. 16). O registro em tela não contempla a a-linearidade que gostaríamos de imprimir na escrita deste texto, haja vista que a compreensão da leitura poderia ser prejudicada. Contudo, optamos por: não enumerar as seções preservando um ar de fluidez e movimento; entrelaçar material empírico e leituras teóricas de modo não-hierárquico; privilegiar, quando possível, autoras para evidenciar o protagonismo feminino na construção do material empírico e na pesquisa. Esses são alguns de nossos esforços para que a cartografia de nosso rizoma também pudesse transgredir a rigidez da escrita científica sem perder de vista nosso compromisso acadêmico e social com o avanço dos estudos em Educação Linguística Crítica.

## Entrelaces ontoepistêmicos

Como educadoras e pesquisadoras compartilhamos o privilégio de ler hooks para além das palavras. Lemos também suas interseccionalidades atravessadas por seu corpo, sua cor, sua luta, seu gênero. Como mulheres que pesquisam a partir do Cerrado em uma universidade periférica em um estado periférico entendemos a dor e a potência em cada uma de suas escolhas, pois por muitas vezes também não somos ouvidas. Basta uma busca rápido pelo diretório de pesquisas do Google, por exemplo, para entender alguns fatos sobre Goiás: Nosso estado é violento, sobretudo contra mulheres e nossas escolas nem sempre caminham em direção à prática da liberdade. A intenção com este alerta não é comparar feridas, mas manter viva a denúncia das opressões que nem sempre circulam em textos acadêmicos. Nossos atravessamentos são distintos, mas saber que não estamos sós na luta contra as desigualdades presentes em na sociedade atual nos faz esperar, por isso, hooks é referência.

**Imagem 1.** hooks entre nós

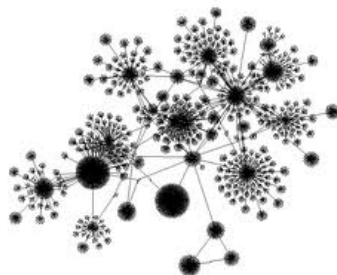


**Fonte:** Composição digital elaborada pela primeira autora deste texto (2022).

Um rizoma é descentralizado e como tal desprovido de hierarquias. Cada elemento no rizoma é responsável por uma parte importante e indispensável em sua formação, porém sem eleger núcleos de maior relevância. Para proceder a leitura do rizoma é necessário perceber os pontos e seguir as linhas que os conectam. Às vezes essas linhas se confundem em um emaranhado, outras mostram-se mais nítidas. Algumas são mais largas, outras mais finas, porém todas relevantes para a manutenção do rizoma. Neste estudo, vemos os textos da disciplina, bem como construções textuais das mestradas e dos mestrandos como pontos dinâmicos. As professoras são percebidas como as linhas que – ao propor os textos, promover os encontros, mediar as problematizações – interconectam e movimentam esses pontos. bell hooks também é uma linha em nosso rizoma que liga, provoca deslocamentos e rupturas expandindo e tensionando os repertórios de cada uma (um). hooks é voz potente e presente na tentativa de transgredir ao sistema mundo moderno-

colonial que sufoca e silencia vozes (MARRA; REZENDE, 2018). A construção textual multimodal (*Padlet*) representa um nó – ponto de encontro entre linhas e pontos – que condensa os sentidos produzidos e que ora analisamos. Nós autoras nos colocamos como linhas tardias que se juntaram a este rizoma a fim de entender o nó atravessando-o dispostas a desemaranhar linhas e pontos para entendê-los e compartilhar nossas percepções com nossas(os) leitoras(es).

### Imagem 2. Rizoma



**Fonte:** Disponível em <https://pedagogiadavirtualidade.files.wordpress.com/2013/06/rizoma.jpg>, acesso em 29 jun. 2022

Em sala de aula, a presença de professoras(es) pode ser um importante elemento para gerar engajamento e entusiasmo, contudo este deve ser um esforço coletivo de todas(os) as (os) agentes da turma. Na construção do ambiente educacional favorável aos deslocamentos de regimes de verdade, às trocas de ideias, todas (os) são corresponsáveis. Em aulas remotas o distanciamento físico e geográfico entre os sujeitos pode levar ao afastamento também do objeto de cognição. Por isso, com a suspensão das atividades presenciais nas escolas e universidades, o processo de mediação precisou ser ainda mais distribuído de modo a romper estruturas que impedem a abertura de ideias, como centralidade da(o) professora(or) como única(o) detentora(or) do saber (hooks, 2013).

A práxis docente teve de ser reinventada e novas ferramentas inseridas de modo a favorecer o engajamento das(os) estudantes. Em concordância com o pensamento de hooks (2013, p. 22), “[p]ara lecionar em comunidades diversas precisamos não só mudar os nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos”. Consideramos que este alerta também vale para tempos *diversos*. O contexto pandêmico em si se constituiu como um evento em devir. Não sabíamos por quanto tempo e nem de que maneira a pandemia afetaria nossas vidas, mas era certo que ela mudaria nossas relações com as tecnologias digitais. Como aproximar as pessoas a despeito das telas era um desafio que se antepunha como mais um ponto modificador deste rizoma. A construção coletiva de um mural digital apresentou-se como um espaço de encontro (nó) significativo para que os saberes fossem compartilhados, tensionados e expandidos.

Ao longo da disciplina as(os) mestrandas(os) se dividiram em pequenos grupos para que fossem corresponsáveis pela construção das aulas. Elas(es) reuniam-se com as docentes no contraturno para pensar a mediação compartilhada dos textos a partir dos temas dispostos no plano de ensino das professoras. A primeira autora deste artigo e duas colegas foram responsáveis pelo segundo encontro da disciplina para o qual abriram um mural digital na plataforma Padlet. No dia da aula elas lançaram a provocação inicial para a produção do mural digital que constitui nosso material empírico. Elas solicitaram que a turma registrasse suas impressões sobre os textos estudados – quatro capítulos da obra *Ensinando a transgredir* de bell hooks (2013) e um vídeo de Catherine Walsh (2021) – de modo a relacionar a leitura previamente feita ao tema da aula (Educação como prática de liberdade para a compreensão das diversidades).

Na bricolagem da Imagem 3 temos a cartografia de algumas das postagens no mural. Optamos por trazer apenas algumas para que pudesse ser inteligível, haja vista que o mapa completo com todas as mensagens ficaria muito extenso para este suporte (periódico acadêmico-científico eletrônico) e seria necessário disponibilizá-lo em hiperlink, recurso não previsto pela publicação.

Imagem 3. Padlet - Educação com prática de liberdade



Fonte: Bricolagem elaborada pela primeira autora deste texto (2022).

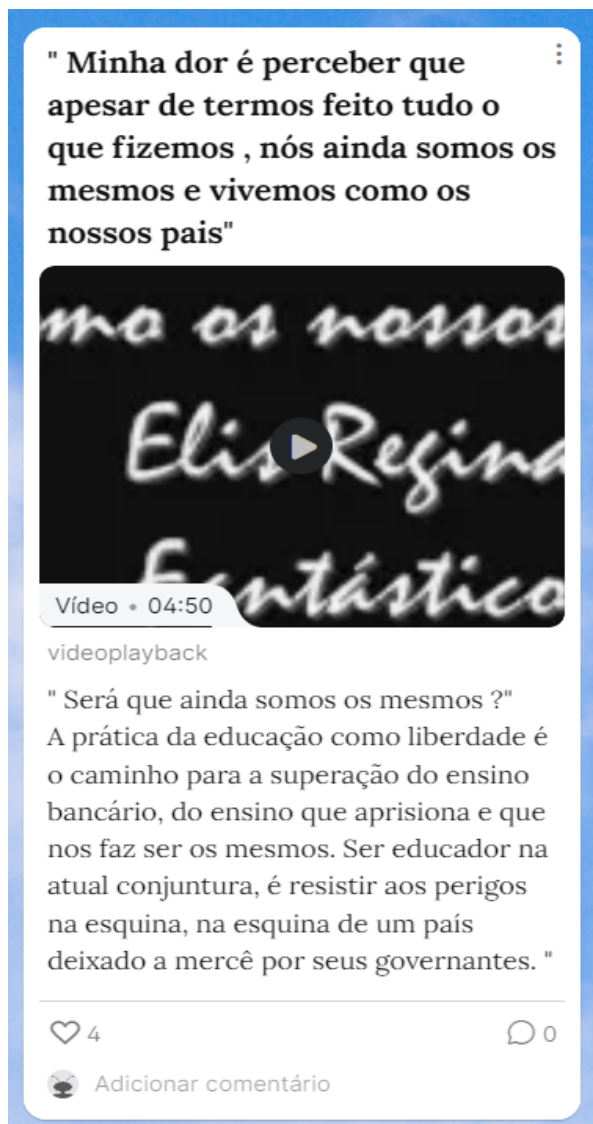
Para registrar suas produções ou comentar as postagens de colegas no *Padlet* a turma podia escolher se identificar ou não. Todavia, levando em conta a indissociabilidade entre corpo/território/língua(gem)/cultura (REZENDE et al, 2020), consideramos que, mesmo sem citarmos o nome de quem fez o registro, as identidades das(os) agentes que colaboram com este estudo se fazem presentes, pois cada pensamento, foto, meme, opinião, vivência expressadas ali (des/re) constroem o mapa deste rizoma.

É próprio do mapa ser alinear, desta maneira, as linhas que se atravessam no rizoma imprimem no mapa possíveis *des*formas, impactam em estranhamentos, sensação de incompletude e sem compromissos com a totalidades. A intenção aqui é refletir sobre essas conexões, na multiplicidade de pensamentos e, em como ao nos abirmos às conexões aprendemos/ensinamos com os movimentos alineares de deslocamento no rizoma, este processo amplia e *transforma* estas conexões em/com dimensões outras. Em consonância com Souza (2012, p. 245), “[a]s linhas dentro de um rizoma são elementos, que comportam em seu devir o rompimento da dicotomia uno/múltiplo, as linhas de um rizoma são uma multiplicidade, pois cada individualidade carrega em si a heterogeneidade”, logo, ao se posicionarem, as(os) agentes, com suas subjetividades e língua(gens), co-constroem sentidos.

Para além de uma ferramenta complementar, o *Padlet* proporcionou reterritorializações ao movimentar os saberes a fim de compreender umas(uns) aos (às) outras(os) durante as aulas. Foi possível ainda reler conferindo novos sentidos a textos já conhecidos em um movimento de decalque (em que se preserva a essência do que está posto, mas traz algo de novo ao sentido). Na imagem 4, a seguir, vemos que para construir sua postagem a (o) mestrand(a) lançou mão de seu repertório musical para relacionar o tema da aula, suas leituras e sua reflexão sobre os textos. Em um movimento multimodal de aproximação de sentidos, um trecho da música “Como nossos pais” interpretada na voz de Elis Regina é convocado a fazer intertextualidade com as leituras dos textos base selecionados pelas mediadoras. Ao elaborar o próprio comentário, observamos o movimento de retextualização (quando se produz um novo texto a partir do texto base) apoiando o decalque promovido pelas reflexões da aula. A postagem começa com a pergunta retórica *será que ainda somos os mesmos?* ecoando os versos da canção. O comentário segue tecendo relações entre *ser educadora (or)* na atualidade e enfrentar os desafios que encontramos *nos perigos na esquina*.

O comentário refere-se aos ataques que professoras(es) têm sofrido no cenário político vigente. Mesmo trabalhando em condições precárias durante a pandemia, por exemplo, fomos aviltadas(os) e acusadas(os) de omissão e preguiça.

**Imagem 4.** Intertextualidade e retextualização no *Padlet*.



**Fonte:** *Padlet* produzido pela turma (material empírico deste estudo).

Nesta mesma esteira de crítica às condições insalubres a que somos expostas(os) em escolas malcuidadas onde se evidencia o descaso de governantes com a educação, temos mais uma postagem. Desta vez a intertextualidade com o material lido para as aulas veio por meio de uma charge. Na imagem temos uma professora aludindo à mudança ocorrida com a reforma ortográfica instituída pelo Decreto 6.583/2008, (a abolição do sinal gráfico trema sobre a letra *u* em *frequente*), questiona sobre mudanças que as (os) alunas(os) percebem ao que um aluno responde *nada!*. Embora a charge tenha possivelmente sido feita há alguns anos, neste contexto ela foi relacionada pela(o) mestrand(a) ao cenário atual.

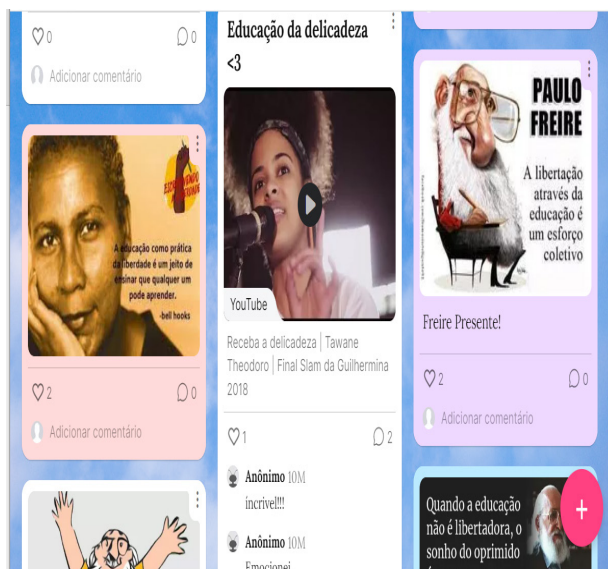
**Imagem 5.** Descaso na educação



**Fonte:** Padlet produzido pela turma (material empírico deste estudo).

O rizoma é feito de dimensões, linhas, pontos e nós, portanto, é uma metáfora que estuda relações, conexões e (res)significações em um constante movimento de desterritorialização (questionar-se perante certezas) e reterritorializações (re-construção de conceitos), ele transborda por meios distintos (DELEUZE; GUATARRI, 1995). Desta maneira, traçamos aqui novas linhas de conexões, linhas essas ainda relacionadas às conexões já feitas, porém, desbravando espaços *entre*. Esses entrelugares nos posts do *Padlet* suscitam as reflexões que podem contribuir para ampliar as discussões sobre como a educação pode ser percebida como prática de liberdade, além de contribuir para uma compreensão crítica acerca das diversidades, pelo olhar das(os) mestradas(os) da turma. Nesta produção multimodal, a ênfase foi mostrar como o que foi discutido na disciplina sobre diversidades requer lutar pelo direito à aprendizagem. Mais do que direito de acesso e permanência na escola, como garante a constituição federal (BRASIL, 2016), é nosso papel como educadoras críticas lutar para que as (os) estudantes tenham garantido seu direito de serem tratados com respeito e dignidade. Consciência e respeito às diferenças são atitudes éticas e empáticas (HUNT, 2009). Deste modo, devemos respeitar as fronteiras presentes nos corpos de cada uma(um), este movimento de respeito é uma atitude empática em relação aos sentimentos e pensamentos dos indivíduos. Portanto, lutemos para que sejam amparadas(os) em suas necessidades específicas a fim de que a aprendizagem ocorra: salas e professoras(es) de apoio especializado, intérpretes de LIBRAS e ledoras(es), ambientes livres de homofobia, transfobia, machismo, pressões estéticas e o que mais se fizer necessário para que a liberdade prevaleça.

**Imagem 6.** Direito à aprendizagem



**Fonte:** Padlet produzido pela turma (material empírico deste estudo).

O respeito aos direitos e às diferenças exige um processo contínuo de desconstrução das ideias e aspectos culturais opressores presentes na sociedade (CANDAU, 2012). Para hooks (2013), a possibilidade de aprender expande quando ouvimos com cuidado umas(ns) aos (às) outras(os) em nossas individualidades. Ao ouvirmos o outro nos movimentamos em direção a desfazer nossas certezas e questionar nossas verdades o que possibilita que percebamos pontos de vistas que diferem dos nossos, pontos que precisam ser vistos com cuidado por nós, refletidos. Por isso, fazer com que quem aprende/ensina se enquadre a algo é perder a diversidade presente em cada uma(um) de nós.

hooks (2020) argumenta que repensar o sentido da palavra amor deveria ser um exercício constante ao longo de nossa vida. Uma percepção errônea do que seja este sentimento pode levar a situações de violências. Para a autora, a busca pelo amor é a busca pela justiça. Neste sentido, é possível entender que a busca por criar, em contexto de ensino remoto, um espaço onde as subjetividades possam se encontrar e compartilhar suas angústias é uma práxis docente que visa a amorosidade como uma força transformadora e transgressiva. Na postagem seguinte temos a percepção de uma(um) mestrand(a) sobre a importância de unir sentimento e razão ao pensarmos a educação como prática de liberdade. A fala de hooks sobre o amor ecoa também no comentário feito por uma das professoras sobre a postagem.



**Imagem 7.** Educar como ato de amor

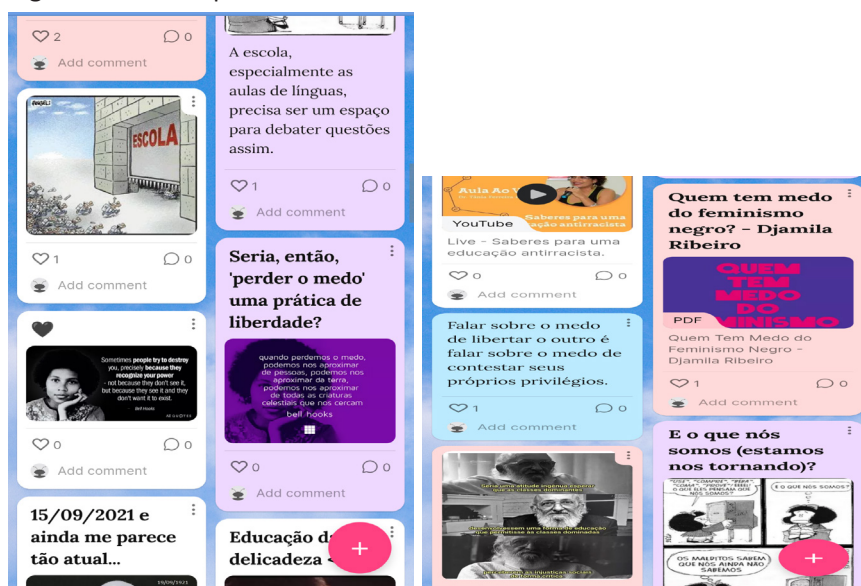


**Fonte:** Padlet produzido pela turma (material empírico deste estudo).

A partir dessas construções é possível ver como professora e aluna(o) estão caminhando por esta cartografia em uma mesma direção. A conexão que elas fazem entre textos base e construções textuais no Padlet nos permite refletir sobre como a formação é pautada pela afetividade e empatia. Por mais que a realidade esteja desanimadora, esperar na educação deve ser um exercício constante. Uma proposta que evita o debate e a realidade das(os) educandas(os) está longe de ser libertadora, apenas impera um antidiálogo, que vai contra a ideia de amor, que separa a cabeça do coração e impede o locomover-se da criticidade (FREIRE, 1967).

O amor pode ajudar a vencer o medo. Em uma passagem do texto estudado para a aula, hooks (2017) nos transporta para uma de suas lembranças quando muda de escola, e passa de um ambiente acolhedor para um ambiente opressor. Vemos este episódio surgir na cartografia em forma de um questionamento que interage também com uma montagem (*assemblage*) que traz uma frase de hooks sobreposta em seu rosto. Esta composição une a autora (rosto e palavras) à (ao) mestrand(a) e suas reflexões. Neste contexto, a conexão deste trecho com o questionamento *seria, então, 'perder o medo' uma prática de liberdade?* nos permite inferir que a escola com a qual sonhamos deve ser um ambiente acolhedor e não opressor. Neste mesmo nó do rizoma percebemos a reflexão sobre como a opressão que por vezes impomos a outras pessoas é fruto de nosso próprio medo de questionar nossos privilégios. Que subalternidades nossa vaidade alimenta? Para hooks (2020, p. 242), "o culto ao individualismo nos levou, em parte, a uma cultura doentia de narcisismo, tão difundida em nossa sociedade". A proposta da autora para esta questão é, então, a reconexão pelo amor. No entanto, ela se refere ao amor em potência de transformação e transgressão, amor que liberta.

**Imagem 8.** Medo e opressão como ausência do amor



Fonte: Padlet produzido pela turma (material empírico deste estudo).

A educação como prática de liberdade, em concomitância com Freire e hooks, se faz no ato dialógico e amoroso, visto que “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo as pessoas, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 1987, p. 51). Estendendo a compreensão podemos também entender que se não questionamos nossos privilégios não podemos construir uma sociedade menos desigual.

Na intenção de rumar aos enlaces finais deste texto, sem pretensão de esgotar o assunto ou tampouco colocar um fim neste debate, nos colocamos a refletir no que Freire (1992, p. 37) ensina sobre pensar as nossas práticas a partir das vivências das(os) aprendizes e vemos que impera a ideia do movimento, “pôr-se a caminho, deslocar-se de um ponto para o outro e não ficar, permanecer”. A disciplina de Educação e Diversidades, foi este movimento, enquanto agentes, partimos dos nossos saberes, porém não estagnamos, mas, sim pensamos, sentimos, refletimos e vivemos.

Poder revisitar este material como pesquisadoras nos proporcionou a oportunidade de reafirmar nosso compromisso com a transformação de nossas praxiologias. Compreendemos ainda que a cartografia, tal como a desenhamos nesta leitura de rizoma, nos possibilitou deslocamentos por entre linhas e pontos, desemaranhando-nos e expandindo nossa compreensão sobre as relações entre liberdade, amor, educação.

## Considerações em devir

Entender o material empírico deste estudo com um rizoma nos colocou em movimento para que pudéssemos revisitar nossas percepções de educação como prática de liberdade. A abordagem pós-qualitativa favorece que sejamos afetadas pela pesquisa enquanto reconhecemos o quanto nossas escolhas ontoepistêmicas afetam nosso olhar para o problema de pesquisa.

O rizoma nos permitiu ver a partir de nosso entrelace com o material empírico “uma possibilidade de formação humana transdisciplinar e de uma educação aberta para o futuro” (SOUZA, 2012, p. 256). Entretanto, o fazer deste rizoma e nossa esperança na transformação da sociedade pela educação nos permitem ler que a construção de espaços de compartilhamento de ideias e impressões sobre o texto podem favorecer um cenário educacional livre do medo, da opressão, do silenciamento. O contexto remoto, imposto pela pandemia não foi impeditivo para que movimentos de conexão, intertextualidade, retextualização e ressignificação ocorressem.

Compreendemos que a concepção de educação como prática de liberdade transbordou das leituras dos textos base e ecoaram nas construções textuais postadas no mural digital. Isso não

é suficiente para entender que as praxiologias dessas(es) mestrandas(os) estejam ressignificadas, contudo, nos permite afirmar que elas(es) tiveram a oportunidade de exercer a construção de saberes em um ambiente acolhedor, respeitoso e empático.

Portanto, a experiência de liberdade começa na reflexão das nossas práticas e saberes, do questionamento de nós mesmas(os), e principalmente no respeito às diferenças. Se ao ensinar, nos mantivermos firmes nos esforços para em pluralizar vozes e vivências, contribuiremos para a construção de escolas e universidades outras em que indivíduos e sejam livres para explorar suas potencialidades e fragilidades sem medo. Enquanto pesquisadoras, seguimos dispostas a tensionar as relações de poder, problematizar (nossos) privilégios e fortalecer um novo olhar para a ciência. Esperançamos por dias melhores em que não nos falte o *ar*. Paulo Freire vive, bell hooks presente!

## Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 29 jun. 2022.

CANAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, jan-mar,2012, p. 235–249. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPMwbhP8B4QdN8yt5xg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Neto. v.1, ed.34, 1995. Disponível em: [http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Rizoma-Deleuze\\_Guattari.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Rizoma-Deleuze_Guattari.pdf). Acesso em: 25.jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HELLER, Monica; PIETIKAINEM, Sari; PUJOLAR, Joan. **Critical Sociolinguistic Research Methods: Studying language issues that Matter**. New York: Routledge, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**.1. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2013 p. 9-50; 223-251.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13-33.

MARRA, Daniel da Silva; REZENDE, Tânia Ferreira. **Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa**. Porto das letras, v.4, n.1, p.174-202, 2018.

REZENDE, Tânia Ferreira *et al.* Por uma postura decolonial na formação docente e na educação linguística: conversa com Tânia Rezende. **Gláuks: Revista de letras e artes**, v.20.n.1, 2020.

SOUZA, Rodrigo Matos de. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. **Revista Sul-Americana de filosofia e Educação**-n.18:maio-out/2012, p.234-259.

WALSH, Catherine. Educação como prática da liberdade [Conferência de Abertura]. **Canal do Paulo Freire - 100 anos de práxis libertadora**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-SDD8sPIK0Y>. Acesso em 18 jan 2022.

Recebido em 16 de maio de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.